

AFROCENTRICIDADE: UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA INOVADORA

Priscila Venancio da Silva ¹

Resumo: O conceito de afrocentricidade, busca reorientar a análise das condições africanas a partir da África e sua diáspora, reconhecendo os africanos como agentes ativos em sua própria cultura e história. A pesquisa enfatiza a conscientização e a autonomia dos povos africanos, destacando a exclusão e marginalização que sofreram sob a dominação racial branca. A afrocentricidade é vista como uma abordagem epistemológica que fomenta o debate sobre valores africanos, sem se restringir a dogmas, e reconecta os indivíduos com suas lutas históricas. O termo “africano” é discutido em um sentido não essencialista, vinculado à resistência à opressão e à busca pela justiça social. A cultura é vista como fundamental para a emancipação, com o pensamento afrocentrado servindo para corrigir distorções na narrativa histórica imposta por autores eurocêtricos. A análise crítica do comércio de escravos e das dinâmicas internas nas sociedades africanas também é abordada. A afrocentricidade e o quilombismo são apresentados como propostas que visam reconhecer e valorizar a contribuição da população afro-brasileira e sua história, enfatizando a importância de celebrar essa herança cultural e promover a dignidade e igualdade na sociedade. A criação da “Semana da Memória Afro-Brasileira” é sugerida para fortalecer a identidade negra e preservar a herança quilombista.

Palavras-chave: Afrocentricidade. História. Quilombismo. Brasil.

AFROCENTRICITY: AN INNOVATIVE EPISTEMOLOGICAL APPROACH

Abstract: The concept of Afrocentricity seeks to reorient the analysis of African conditions from the perspective of Africa and its diaspora, recognizing Africans as active agents in their own culture and history. The research emphasizes the awareness and autonomy of African peoples, highlighting the exclusion and marginalization they faced under white racial domination. Afrocentricity is seen as an epistemological approach that fosters debate about African values without being confined to dogmas, and reconnects individuals with their historical struggles. The term "African" is discussed in a non-essentialist sense, linked to resistance to oppression and the pursuit of social justice. Culture is seen as fundamental to emancipation, with Afrocentric thought serving to correct distortions in the historical narrative imposed by Eurocentric authors. A critical analysis of the slave trade and internal dynamics within African societies is also addressed. Afrocentricity and quilombismo are presented as proposals that aim to recognize and value the contribution of Afro-Brazilian populations and their history, emphasizing the importance of celebrating this cultural heritage and promoting dignity and equality in society. The creation of the “Afro-Brazilian Memory Week” is suggested to strengthen black identity and preserve quilombist heritage.

Keywords: Afrocentricity. History. Quilombismo. Brazil.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

Introdução

O conceito de afrocentricidade foi introduzido e desenvolvido por Molefi Asante em 1980, sendo posteriormente consolidado como um paradigma no campo acadêmico no final do século XX. É pertinente notar, por exemplo, que uma crítica significativa ao Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1967[1854]), obra de viés racista de Arthur de Gobineau, foi formulada por Anténor Firmin, um renomado intelectual haitiano, em sua obra Da igualdade das raças humanas: antropologia positiva (1967[1885]) (Asante, 2009).

A concepção afrocentrada diz respeito, fundamentalmente, à proposta epistemológica do lugar. Considerando que os africanos foram deslocados em aspectos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é crucial que qualquer análise de suas condições em diferentes países se baseie em uma localização que priorize a África e sua diáspora. Iniciamos com a compreensão de que a afrocentridade representa um tipo de pensamento, prática e perspectiva que reconhece os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos que influenciam sua própria imagem cultural e estão alinhados com seus interesses humanos (Alves, 2020).

O objetivo, desde o início, foi estabelecer um ambiente propício para indivíduos conscientes que, ao se encontrarem centrados, assumem um compromisso com a saúde mental. A noção de conscientização ocupa uma posição central na afrocentricidade, pois é o que a distingue da africanidade. É possível vivenciar as tradições e costumes africanos sem, entretanto, ser considerado afrocêntrico. A afrocentricidade refere-se à conscientização acerca da autonomia dos povos africanos. Essa compreensão é essencial para a reorientação e recentralização, permitindo que o indivíduo atue como agente ativo, em vez de se posicionar como vítima ou dependente (Nascimento, 2009).

Os africanos têm sido sistematicamente excluídos sob a estrutura de dominação racial branca. Essa exclusão não se limita à marginalização, mas envolve a eliminação de sua presença, importância, ações e representação. Trata-se de uma realidade negada, que resulta na destruição da essência espiritual e material do indivíduo africano. Neste contexto, a problemática que orienta esta pesquisa é definida da seguinte maneira: É fundamental que o africano cultive uma consciência crítica, permaneça atento ao ambiente que o cerca e procure evitar a anomia resultante da exclusão? Em um certo

aspecto, isso configura um problema linguístico; em outro, implica o enfrentamento das realidades econômicas e culturais que foram construídas (Asante, 2016).

O objetivo deste artigo é evidenciar que a afrocentricidade se apresenta como uma abordagem que não se classifica como religião, possibilitando a discussão e o debate acerca dos valores africanos². Essa flexibilidade inerente à proposta afrocentrista implica que não existem ideias tidas como indiscutíveis, promovendo assim a análise e a crítica de uma variedade de temas relacionados ao universo africano.

A obra de Elisa Nascimento enfatiza a importância do afrocentrismo na busca pela identificação da pessoa africana como sujeito em diversos contextos. Muitas vezes, as discussões sobre fenômenos africanos são centradas na perspectiva europeia, negligenciando as vozes e a agência dos próprios africanos. O afrocentrista se propõe a reafirmar o lugar do africano como sujeito em textos e eventos, enfrentando desafios relacionados à complexidade da identidade. Embora possamos compreender a identidade atual de uma pessoa, não temos como prever seu futuro, mas é fundamental buscar onde elementos africanos se posicionam como sujeitos nas narrativas e fenômenos.

1. Referencial Teórico

O primeiro ponto que merece destaque é o significado do termo “africano”. Trata-se de uma expressão que não deve ser entendida de maneira essencialista, isto é, não se fundamenta unicamente na noção de “sangue” ou “genes”. Muito além disso, configura-se como um construto epistemológico. Em essência, um africano é uma pessoa que esteve envolvida nos quinhentos anos de resistência à dominação europeia. Em algumas situações, essa participação pode ter ocorrido sem a plena consciência do indivíduo; no entanto, é nesse contexto que se insere a conscientização. Somente aqueles que se reconhecem conscientemente como africanos – valorizando a imperativa necessidade de resistir à aniquilação cultural, política e econômica – encontram-se adequadamente inseridos na esfera da afrocentricidade. Isso não implica que os demais indivíduos não sejam africanos; simplesmente significa que eles não possuem uma perspectiva afrocentrada (Reis et al., 2020).

² Esta reflexão advém de uma disciplina ministrada no curso de mestrado.

Dessa forma, o afrocentrismo implica a reivindicação de um vínculo com a luta e a busca pela ética da justiça em face de todas as formas de opressão humana. Em um plano distinto, referimo-nos aos africanos como indivíduos que reconhecem que seus ancestrais migraram da África para as Américas, o Caribe e outras regiões do mundo ao longo dos últimos quinhentos anos. Portanto, adotar uma perspectiva afrocentrista implica reivindicar a ligação com a luta e buscar a ética da justiça em face de todas as formas de opressão humana. Há uma interconexão africana que se manifesta tanto internamente quanto externamente. Aqueles que residem atualmente no continente representam a conexão interna; já os que habitam fora, a conexão externa. Os brancos presentes no continente africano, que nunca participaram da resistência contra a opressão, dominação ou hegemonia branca, são efetivamente considerados não-africanos. A simples condição de viver na África não confere automaticamente à pessoa a identidade africana. Por fim, sustentamos que é a consciência, e não aspectos biológicos, que orienta nossa interpretação dos dados. É deste ponto de partida que toda análise se desenvolve (Xavier, 2017). Este artigo ainda sustenta que o fato de que é a consciência, e não a biologia, que molda nossa interpretação dos dados (Sá; Francelin, 2021).

A afrocentricidade possui raízes significativas no radicalismo negro da década de 1960, inspirando-se em pensadores e ativistas sociais e políticos dos Direitos Civis e do Poder Negro, além de teóricos pan-africanistas e anticoloniais africanos. Os afrocentristas reconhecem a influência de uma ampla gama de teorias, e seu escopo teórico abrange desde as diversas comunidades discursivas do continente africano até o Caribe, entrelaçando, literalmente, as arenas acadêmicas da América e da Europa. Normalmente, os textos afrocêntricos posicionam o pensamento de Du Bois, Anna Julia Cooper, Cheikh Anta Diop e Frantz Fanon ao lado das ideias de Kwame Nkrumah, Malcolm X, Amílcar Cabral, Walter Rodney, Ella Baker e Maulana Karenga, sintetizando os aspectos mais emancipadores das obras desses e outros pensadores dentro de uma estrutura conceitual coerente (Nascimento, 2013).

Tal estrutura, conforme afirma Asante, considera a cultura como um elemento crucial e decisivo para os esforços voltados à emancipação física e mental das pessoas de origem africana ou ascendência africana em particular, bem como da humanidade em geral. Enquanto Maulana Karenga (1988, p. 410 *apud*: Nascimento, 2013) defende que a cultura é “a totalidade do pensamento e da prática pelos quais um povo cria, define e

celebra a si mesmo, apresentando-se à história e à humanidade”. Dessa forma, pode-se afirmar que a cultura constitui a pedra angular e o alicerce filosófico da afrocentricidade.

A afrocentricidade enfatiza a relevância de compreendermos nossas origens enquanto homens e mulheres, negros e negras, sob a ótica do sujeito africano, algo que nos foi negado por mais de trezentos anos. Conforme Nascimento (2009), em nenhum momento nosso sistema educacional ofereceu qualquer disciplina que demonstrasse apreço ou respeito pelas culturas, artes, línguas e religiões de origem africana. Além disso, o contato físico dos afro-brasileiros com seus irmãos no continente e na diáspora sempre foi obstaculizado ou dificultado, entre outros impedimentos, pela falta de recursos financeiros que permitissem ao negro deslocar-se e viajar para fora do país.

O pensamento afrocêntrico emerge como um processo de conscientização política. Asante (2009, p. 94) apresenta a afrocentricidade como “a conscientização sobre a agência dos povos africanos”, na qual um agente é definido como um ser capaz de agir de maneira autônoma em relação aos seus interesses. A noção de agência, por sua vez, refere-se à habilidade de “dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana”, logo é fundamental compreender o conceito de agência como antitético à desagência, na qual o africano é relegado ao papel de não protagonista em sua própria narrativa histórica.

O autor também afirma que o pensamento afrocentrado se envolve no processo de revelar e corrigir as distorções resultantes desse léxico convencional da história africana, em outras palavras, a filosofia afrocentrada desempenha a função de esclarecer a trajetória histórica do continente africano, ressaltando seus conhecimentos e culturas que frequentemente foram subestimados. Assim, em uma robusta ética de comunicação e interação entre os indivíduos, o afrocentrista estabelece que a agência africana é equiparável à de qualquer outro ser humano. Se for o caso de discutir ciência, abordaremos ciência; se desejarmos falar sobre astronomia, trataremos de astronomia (Asante, 2009).

Em consonância com essa linha de raciocínio, Alves (2020) apresenta a afrocentricidade como uma estratégia para fomentar o pensamento de reparação, uma justiça sociocultural essencial para dismantelar a visão que degradou a cultura africana, ocultando, dessa maneira, todas as conquistas e contribuições do povo negro à história universal. É nesse cenário que se constrói o conceito de afrocentricidade, que abrange um

discurso impregnado de informações fundamentais para a análise crítica das realidades culturais impostas, ao mesmo tempo em que evidencia a importância das contribuições africanas na história global, demandando reconhecimento e representatividade (Nascimento, 2012; 2013).

A afrocentricidade, assim como o pan-africanismo, o anticolonialismo e o Poder Negro, constitui uma corrente de pensamento originada na resistência. É compreensível que seu surgimento tenha ocorrido nos Estados Unidos, especialmente ao se considerar a trajetória do pan-africanismo, inicialmente articulado por intelectuais e ativistas da diáspora africana. Atualmente, a África permanece um continente onde as lealdades étnicas muitas vezes se sobrepõem aos compromissos nacionais e continentais. No contexto da diáspora, as conexões étnicas foram obliteradas por: 1) uma política intencional e sistemática de desfiliação; 2) séculos de fusão interétnica entre africanos escravizados que vivenciavam um cativeiro compartilhado (Nascimento, 2012; 2013).

É inegável que, permanecendo fiel às suas origens ancestrais, a afrocentricidade serve como um abrigo para o autodidata, ou seja, aquele pesquisador que adquire seu conhecimento exclusivamente por meio do estudo independente. Essa realidade apresenta tanto benefícios quanto desvantagens. O autodidata pode carecer do método rigoroso que caracteriza uma investigação acadêmica autêntica. Ademais, ele também não possui acesso às fontes primárias que fundamentam um campo acadêmico. No entanto, frequentemente supera o estudioso acadêmico em um aspecto: a disposição de não se restringir aos padrões habituais, avaliando linhas, evidências e fontes de informação frequentemente subestimadas pelo acadêmico (Nascimento, 2020).

Os escritores afrocentrados frequentemente são acusados de serem simples criadores de mitos que atribuem aos povos negros um passado glorioso que nunca existiu. De fato, existe uma tendência a “exaltar” esse passado - nenhum escritor ou orador afrocentrado consegue escapar dessa influência. Essa inclinação é inevitável, visto que o afrocentrista se sente na obrigação de corrigir o registro histórico, distorcido por autores eurocêntricos que relegaram os negros à marginalidade da história humana. Com efeito, já foi afirmado que os negros teriam se beneficiado ao serem escravizados pelos europeus, pois tal processo lhes trouxe a civilização. Essa declaração continua a ser propagada até mesmo por alguns indivíduos negros! Assim, os escritores afrocentrados sentem-se compelidos a reerguer o estudo das civilizações negras perdidas e esquecidas

especialmente no intuito de resgatar o Egito antigo das mãos dos antiquários eurocêntricos. Os afrocentristas costumam enfatizar as realizações da civilização egípcia, quase ignorando outros aspectos da história africana. Novamente, essa tendência é natural, necessária e adequada; no entanto, não se revela suficiente (Nascimento, 2013).

Outro ponto a ser analisado, diz respeito ao comércio de escravos nas duas costas, há uma verdade inegável e implacável, este não poderia ter ocorrido sem a colaboração ativa e deliberada das nações africanas envolvidas. Na costa atlântica, os traficantes de escravos espanhóis, portugueses, ingleses, holandeses e franceses manipularam diversas nações africanas, incitando-as a invadir-se mutuamente na busca por escravos e armando estrategicamente vários reinos africanos. Contudo, o comércio de escravos já era praticado na África muitos séculos antes da chegada dos europeus, tornando relativamente simples - com raras exceções - manobrar os soberanos africanos para que travassem guerras contra inimigos tradicionais e povos vizinhos como forma de atender à incessante demanda europeia por escravos. Se os reis africanos tivessem demonstrado solidariedade entre si em oposição a essa prática comercial, sua manutenção teria sido inviável (Nascimento, 2009; Nascimento, 2013).

Ao analisar os últimos quinhentos anos, é possível afirmar que a África e seus povos suportaram o elevado custo da avareza e da duplicidade de suas elites, assim como do absoluto desinteresse dessas mesmas elites pelo bem comum e pelo progresso de suas nações. De fato, essa carga ainda é suportada atualmente. Os cidadãos africanos foram traídos por seus governantes, que se mostraram obcecados em acumular poder, domínio e riqueza, sem levar em conta outras considerações. Negar essa dura realidade não traz qualquer benefício; ao contrário, é imprescindível que os povos africanos não prolonguem por mais tempo essa profunda e até implacável autoavaliação. Em determinados círculos, tanto na África quanto na diáspora, esse processo já teve início (Nascimento, 2008; Finch; Nascimento, 2009).

Enquanto perdurar a hegemonia global do Ocidente, nenhuma quantidade significativa de acadêmicos brancos se sentirá motivada a analisar os fundamentos da afrocentricidade de maneira isenta de preconceitos.

2. Considerações Finais

Entende-se assim, a afrocentricidade e o quilombismo como uma proposta de reconhecimento e valorização das contribuições da população afro-brasileira e sua memória histórica, que foi sistematicamente apagada e distorcida ao longo dos séculos. Elisa Nascimento discute como a elite dominante no Brasil tentou desconectar os afrodescendentes de suas raízes culturais africanas após a abolição da escravidão. Ela destaca a importância de pesquisadores africanos e afro-brasileiros na reavaliação da história e cultura negra, enfatizando que a civilização egípcia foi construída por povos africanos. O quilombismo é apresentado como um movimento que não apenas busca a libertação e a dignidade dos afro-brasileiros, mas que também propõe um modelo de sociedade baseado em princípios de igualdade, coletivismo e cultura afro-brasileira. A proposta da “Semana da Memória Afro-Brasileira” é sugerida como um meio para celebrar a história dos africanos e fortalecer a identidade negra, culminando na data de 20 de novembro, que marca o Dia Nacional da Consciência Negra. O texto conclui com a necessidade de um movimento organizado que preserve a herança quilombista e promova um futuro melhor para a comunidade afro-brasileira.

3. Referências

ALVES, Ewerton. **Literatura afro-brasileira: uma análise afrocentrada no conto minha mãe é preta sim!** 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** Elisa Larkin Nascimento (Org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo negro, 2009. p.93-110.

_____. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaio Filosóficos**, 2016.

FINCH, Charles S.; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abordagem afrocentrada, história e evolução. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, p. 219-249, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro-brasileira.** Elisa Larkin Nascimento (Org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo negro, 2009. p.197-218.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Ed.). **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. Grupo Editorial Summus, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz africana no mundo**. Selo Negro Edições, 2012.

_____. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Selo Negro, 2013.

REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. **Revista Teias**, v. 21, n. 62, p. 131-143, 2020.

SÁ, Camila; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Afrocentricidade, memória e informação. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 2, 2021.

XAXIER, José Valterdinan Mesquita. A relação afrocentrismo x afrocentricidade: uma breve consideração. **Filosofia Africana Brasil. edição**, n. 1, 2017.